

Coim
Cat. XXV
Ca. B
N.º

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO I



COIMBRA / 1940

HISTORIOGRAFIA ESTRANGEIRA

B r a s i l

(1939) (i)

Os estudos históricos florescem largamente no Brasil. Observare a respeito déles uma renascença a que não falta originalidade. Têm agora mais sabor da terra e gente, uma expressão nacional mais viva, uma sociologia mais curiosa, interpretativa e estimável. Abrem-se os arquivos que os escritores do século passado viram mal, ou simplesmente não viram. Apreciam-se sem prevenções políticas os vultos da monarquia e as cousas coloniais. O romantismo, ao gosto de Michelet, esgotou rápidamente a sua força inventiva no esmalte das lendas, na criação dos símbolos, no ageitamento dos factos às conveniências de «escola»: e podemos dizer vaidosamente que no Brasil já se faz história imparcial — ou antes, história sem mais nada — não importa àcêrca de que período da nossa laboriosa e heroica formação de povo e Estado. Os livros sucedem-se, informados por uma abundante documentação inédita que cuidamos de apresentar e elucidar com visível pressa de quem se atrasou no caminho e pretende pôr-se em dia com as necessidades da cultura e do civismo brasileiro. São úteis oficinas desse trabalho paciente — e deveras essencial — os Institutos Históricos, a começar pelo do Rio de Janeiro cujo centenário comemorámos há menos de dois anos, a Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira.

Em 1939 o prémio das publicações históricas no concernente aos documentos básicos devêra caber a Rodolfo Garcia, projecto

(9 Este tomo devia ter saído no princípio de 1940, e, por isso, o primeiro ano histórico analisado, relativamente a cada país, é 1939. Gomo, porém, a sua publicação teve de ser adiada, solicitamos aos colaboradores desta secção que acrescentassem ao trabalho feito outro relativo a 1940. Infelizmente, nem todos puderam aceder ao nosso desejo e, em vista disso, relativamente a alguns países, os leitores só podem ser informados sôbre o movimento historiográfico em 1939 — falta que, esperamo-lo, será remediada no próximo número. N. R.

anotador da obra de Varnhagen e director da Biblioteca Nacional. Deu-nos os volumes LIV a LIX dos *Anais* — com o *Inventário dos manuscritos do arquivo imperial no castelo d'Eu*, as *Cartas de Santos Marrocos* (subsídio de alto preço para a análise da vida luso-brasileira entre 1811 e 1821), *índices das Consultas do Conselho da Fazenda e das Mercês Gerais* (existentes no Arquivo Histórico Colonial, em Lisboa, onde os copiou Luís Camilo de Oliveira Neto), *Processo das despesas feitas por Martim de Sá no Rio de Janeiro*, na época filipina, e, igualmente comentados, *Almanaques da Cidade do Rio de Janeiro para os anos de 1792 e 1794*. Prosseguiu outrosim a divulgação dos «Documentos Históricos» — série de meia centena de tomos encetada em 1928, em que figuram os papéis da governança do Brasil a partir de Tomé de Sousa, nos alvares da conquista.

O Ministério da Educação (que custeia esses serviços) promoveu no ano passado, pelo novel Instituto do Livro, a impressão de algumas colecções valiosas. Assim *Memórias e Documentos* sobre o Marechal Floriano Peixoto (em cinco volumes até aqui), as *Poesias de Gonçalves de Magalhães*, o *Catálogo da exposição de Machado de Assis* — acontecimento intelectual que iluminou com uma forte luz de crítica e interêsse o velho perfil do autor de «Dom Casmurro». Não interrompeu as suas patrióticas actividades o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — presidido hoje pelo embaixador José Carlos de Macedo Soares. A sua *Revista* (incessantemente editada desde 1840) continua a ser um repositório de monografias, de conferências, de eruditos trabalhos literário-históricos subscritos por notáveis especialistas. A Academia ajuntou à «Colecção Afrânio Peixoto» (enriquecida com as *Obras Completas* de Gregorio de Matos, a tradução de *Hans Staden*, as *Cartas jesuíticas*) a reedição do *Peregrino da América* — um dos livros mais lidos do século XVIII — com a segunda parte ainda inédita. E uma excelente contribuição académica, devida a Afrânio Peixoto e Rodolfo Garcia, que bem aproveita aos estudiosos do Brasil setecentista. Revela-o através do estilo farfalhante e ingénua dum escritor místico que andava esquecido, senão perdido para as letras nacionais. Com o satírico de Marinicolas e Manuel Botelho de Oliveira, com o épico da Prosopopéa e Pero de Magalhães Gandavo, passa ao plano dos «testemunhos» redi-vivos, citados obrigatoriamente, muito nossos...

A Companhia Editora Nacional em 1932 criou a «Brasileira». Esse esforço — relevante na iniciativa e raro na continuidade — representa às maravilhas a preferência do público pela literatura inspirada nas realidades nacionais. Imprimiu mais de 170 volumes— notando-se, em 1933 : *Evaristo da Veiga*, de Octávio Tarquínio de Sousa; *O Patriarca da Independência*, de José Bonifácio de Andrade e Silva ; *Farias Brito*, de Jonatas Serrano ; *O Pão Brasil na História Nacional*, de Bernardino de Sousa; *História Geral da Agricultura Brasileira*, de Luís Amaral ; *Pontos de partida para a História Económica do Brasil*, de Lemos de Brito; *A Instrução e as Províncias*, de Primitivo Moacir; *A Educação Pública em S. Paulo*, de Fernando de Azevedo ; *Índios do Brasil*, do major Lima Figueiredo ; *Migrações e cultura indígena*, de Angione Costa ; *A Revolução Farroupilha*, de Walter Spalding; *Estudos de História do Brasil e O Café*, de Basílio de Magalhães ; *Panorama do Segundo Império*, de Nelson Werneck; *A Ordem Privada e a organização política*, de Nestor Duarte...

A Livraria José Olímpio Editora mantém outra colecção: «Documentos Brasileiros», dirigida inicialmente por Gilberto Freyre (que acaba de estampar um formoso *Guia de Olinda*, em colaboração com o pintor Manuel Bandeira) e, agora, por Octávio Tarquínio de Sousa. Ofereceu-nos em 1933 dois livros de Euclides da Cunha: *Canudos e Perú versus Bolívia* (ambos praticamente inéditos); *História de Dois Golpes de Estado*, de Octávio Tarquínio; *Fronteiras do Brasil no Regimen Colonial*, de José Carlos de Macedo Soares (ilustrado por Wast Rodrigues); *André Rebouças*, de Inácio José Veríssimo; *A Vida contraditória de Machado de Assis*, de Elói Pontes.

O mesmo editor publicou a «póstuma» de Craveiro Costa, *Maceió*, bela história duma cidade, típica na sua arte e na sua verdade, e que corresponde à revisão sentimental dos valores regionais e familiares, indiscutivelmente uma tendência vigorosa na historiografia dos nossos dias. Pertencem a este momento ideológico a *História da Casa Verde*, de Aureliano Leite, *O Ciclo das Gerações*, de Cardoso de Miranda, *Laguna*, de Osvaldo Cabral. Os prelos católicos festejam o bispo do Pará, *D. António de Macedo Costa*, na biografia escrita por outro prelado, D. António de Almeida Lustosa. A biblioteca militar opulenta-se

com as crônicas do mar de Gastão Penalva, *Rajadas de Glórias*, *A Revolução Farrroupilha*, do general Tasso Fragoso (autor da *História da Guerra da Tríplice Aliança*, em 5 volumes), e uma série de 22 tomos em que sobressaem as vidas do *Duque de Caxias*, pelo major Afonso de Carvalho, e do *General Tibúrcio*, por Eusébio de Sousa. São retratos que se renovam ou — corrigindo a injustiça dos tempos, que os empalideceu — se apresentam no seu digno e claro destaque histórico.

Prevalece — no Brasil como algures — o género biográfico. Há tanto estadista olvidado, tanto operário da nacionalidade obscurecido nas sombras e no enrêdo dos compêndios, tanta estátua — no jardim dos mármoreos imperecíveis — recoberta de hera e embuçada na penumbra !

Os «centenários») sugerem-nos, como é natural, o processo, até a definitiva sentença, dessas personalidades esbatidas nas eras extintas : poderá haver nisto um certo tumulto de conceitos a impedir o exame frio de almas e sucessos ; mas, de vantagem, lhe sobra o empenho explicativo, mercê do qual revivemos — para a compreensão e o debate — *Machado de Assis*, *Floriano Peixoto*, *Pedro Luís Pereira de Sousa*. O cinquentenário da República (15 de Novembro de 1939) ensejou por outro lado uma copiosa publicidade sobre os pródromos, os segredos, o entrecho e as grandes influências individuais da revolução que derrubou o trono — sem esquecer os vultos dêste : D. Pedro 11 (de quem Heitor Lira escreve, em três tomos, a *História do reinado*), os condes d'Eu, Ouro Preto, Silveira Martins, Gotegipe, Ferreira Viana, Andrade Figueira, Paulino de Sousa... Tobias Monteiro, que já apreciara, em livros cheios de veracidade, o advento do regímen e as suas crises do primeiro decénio, cumpriu a promessa feita na *História do Império — A Elaboração da Independência*, e continuou-a com o *Pximeiro Reinado*. E admirável a quantidade de livros que tem escrito Afonso d'E. Taunay. A *História do Café*, em 6 tomos, é a mais recente seqüência do sábio director do Museu Paulista, que se fizera benemérito da cultura brasileira com a *História Geral das Bandeiras Paulistas*, a *História da Cidade de 5. Paulo*, os *Anais do Museu Paulista* e, por último, a sua exaustiva reivindicação da primazia aerostática de *Bartolomeu de Gusmão*.

A relação está longe de ser completa. Indicamos a produção livresca de um ano que mais nos atraiu a atenção — nos domínios

da pesquisa retrospectiva. Seria fastidioso alongar a enumeração. Os historiógrafos brasileiros podem ufanar-se de sua brilhante actividade a vésperas de 1940. Nas províncias e na capital, em contacto com as fontes arquivísticas ou com um sereno desígnio literário, puseram-se a retrazar a sua narrativa — com uma preocupação de acêrto, um senso de minúcias, uma atitude de respeito que se resumem no instinto e na convicção da verdade. O Brasil surge-lhes por isto, em numerosas páginas em que o documento supre a ênfase, diferente dos quadros antigos que por aí corriam, como essas oleografias inocentes sem linhas autênticas e sem cores reais, respirando a dignidade municipal de sua vida antiga, conquistado à selva e às asperezas do clima pelo «bandeirante», embalado desde os primeiros tempos por uma religião unificadora, e a deduzir o seu drama nacional das origens fidalgas e valorosas da raça e da Fé. História que serve — assim — a um alto programa espiritual, o da Brasilidade entendida como a preservação das nossas tradições lusas, das nossas virtudes ancestrais, da velha devoção pátria e da civilização construída simultaneamente com o Império. Percebe-se-lhe, crescente, a intuição educativa — que há-de ser limpa de descrença, depurada do negativíssimo, da xenofilia do século anterior : visando à juventude, às classes populares, ao bom senso da sociedade. Os países de extensa vida — é importante o paralelo — encontram com facilidade a sua fisionomia político-social na História. Os países novos, ao contrário, fazem da História a projecção de suas forças adolescentes e impetuosas ; definindo-a, definem-se e elucidam-se também. O seu nacionalismo tem uma avidez lógica de raízes, de hierarquias no tempo, de bases tradicionais, para que, na firmeza do solo, se sustente, inabalável, o edifício da Comunidade, a casa avoenga e perpétua... Daí a transcendência de suas inquirições — numa vasta área de explorações complexas do meio físico, do homem, de sua evolução na terra exuberante, de sua luta e de sua vitória.

Chocam-se duas correntes de pensamento (ou de método) quanto à literatura histórica. Deveremos sacrificar a síntese à análise, buscando antes, com perseverança e calma, os fragmentos do mosaico, indispensáveis à harmonia e à magnitude do painel ? Ou já podemos tentar a obra de conjunto, os «resumos» integrais, com um sentido de unidade incompatível com o acúmulo e a colheita dos materiais de arquivo ? Documentário ou epítome ?

Primeiro, a classificação dos papéis ; depois — logo, muito mais tarde — a composição inteiriça ?

No caso da história do Brasil temos dito que se impõe a conciliação — em bem da cultura geral que no-la exige. A síntese sem as miúdas verificações que conduzem à exactidão será romance, muitas vezes fabulário — o que é impertinente. Mas a análise sem a visão global dispersaria de tal sorte os factos e os personagens que não encontraríamos mais História, porém os seus resíduos. Pedras soltas, cimento e areia não lograrão recompor a imagem estética, a «forma» linear e esbelta do templo, do solar, do castelo nobre. Força é, portanto, tê-lo presente, idealizá-lo mesmo, aprumá-lo até com as provisórias substancias da conjectura, da lenda ou da tradição popular — para em seguida substituir-lhe os falsos remates por uma «fábrica» definitiva, feita do *incontestável* e do *provado*. As mãos moças pedem-nos livros sinceros. Nos liceus e nas aulas infantis querem-se livros honestos. Por toda parte olhos indagadores se iluminam com a justa curiosidade das coisas nacionais: e é preciso atender-lhes. Vamos chegando à situação intelectual em que as sínteses são indispensáveis e benéficas. Saber condicioná-las à verdade é o dever severo da magistratura literária que manipula os mistérios de outrora com o lúcido entusiasmo de quem anteviesse e decifrasse o futuro !

PEDRO CALMON

Espanha

(1939)

A principios de 1939 el historiador Sr. Fernández Almagro escribía: «Si necesitáramos fijar en un ejemplo las características de la actualidad bibliográfica, — en España — llamaríamos la atención sobre el favor que logran determinadas lecturas históricas : tanto las que tienden, monográficamente o en conjunto a valorar la acción de España en el mundo, como aquellos otros libros, de